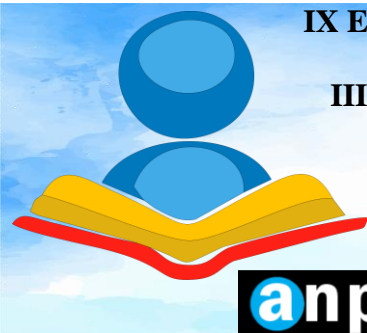


**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL DO REPENTE

José Nogueira da Silva¹

RESUMO

O artigo descreve a decolonialidade como projeto que surgiu paralelamente ao sistema-mundo moderno/colonial, uma vez que esse sistematiza coetaneamente tanto as diferenças quanto as desigualdades na sociedade em seus níveis econômico e sociocultural a partir do estereótipo de raça. Nesse contexto, tem-se por objetivo de natureza documental (CASCUDO, 1984; BATISTA, 1997), analisar o improviso poético no Brasil conhecido como repente, cultura eurocentrada e desvinculada do seu povo através das teorias do folclore clássico e compreender seu processo de embranquecimento cultural, assim, faz-se patente a pertinência da decolonialidade no presente objeto. Por isso, a reflexão decolonial acerca do repente e o processo de eurocentração pelo qual passou em seus registros. Como via de discussão e releitura, a Lei 10.639/03 será de extrema importância uma vez que torna obrigatório o ensino das culturas e histórias africanas e afro-brasileiras nas escolas, inclusive as não populares como parte da identidade afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade – Repente – Releitura. .

1 INTRODUÇÃO

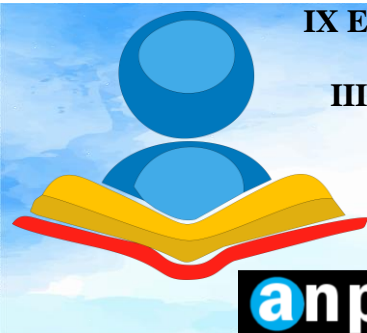
O Repente, expressão artística na qual versos rimados e metrificadas são improvisados ao som da viola, teve seus primeiros registros no século XX e sempre tem sido tratada como expressão com suas características essenciais provenientes de culturas europeias, contudo, até hoje não há indícios que aponte para o fato. Perante esse problema, a análise sob o viés decolonial permite a comprovação de hipóteses mais coerentes a respeito de sua remanescência cultural africana e seu reconhecimento como cultura afro-brasileira.

Quando investigamos culturas de remanescência africana, ou seja, afro-brasileira, há vários caminhos teóricos e metodológicos que podem ser trilhados. Para analisar o repente na perspectiva perceber a predominância da cultura afro-brasileira em seus aspectos, o entendimento sobre a decolonialidade (BERNARDINO-COSTA, 2016) se mostra necessário como aporte teórico.

Stuart Hall (2003) apesar de realizar a seguinte indagação: “Quando foi o pós-colonial?” (2003), a temporalidade em sua reflexão fica na margem de sua pesquisa para

¹ Graduado em Letras (2012). Mestre em Letras e Linguísticas pela Universidade Federal de Alagoas ((UFAL – 2016). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL – 2016 e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didáticas de leitura, da literatura e da escrita (GELLIT) liderado pela professora Adriana Cavalcanti dos Santos (UFAL).

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

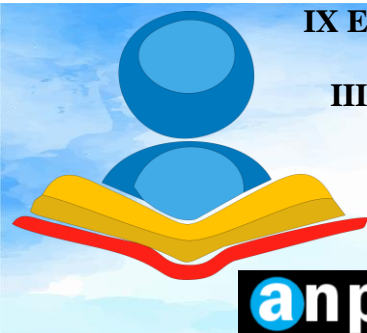
centralizar uma abordagem crítica capaz de compreender as limitações da intelectualidade eurocentrada em territórios não europeus. Segundo o autor (2003), o termo pós-colonial não é restrito a descrever um determinado povo em um tempo e espaço, mas também se mostra capaz de uma releitura da “colonização como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou ‘global’ das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação” (HALL, 2003, p. 109). Por esse caminho, o repente por ser interpretado não apenas em sua manifestação hodierna, mas como todo um processo diaspórico que foi capaz de manter as principais características em sua linguagem e nos rastros que a sua história deixou, uma vez que os registros são escassos, mas a análise dos documentos e resquícios históricos permite uma construção dos seus vínculos culturais afro-brasileiros e as motivações que levaram sua identidade ao ostracismo por parte dos próprios artistas.

Com essa base teórica (HALL, 2003; BERNARDINO-COSTA, 2016; WOODWARD, 2014) e metodológica de natureza estudo documental (CASCUDO, 1984; BATISTA, 1997), apresentamos, neste trabalho, uma reflexão acerca do repente, enquanto uma cultura cultivada no Brasil, em sua predominância na região nordeste, caracterizado pelo improviso rimado e metrificado ao som de um instrumento ao fundo. No Nordeste do Brasil, várias culturas apresentam a mesma estrutura poética do repente, inclusive os cantos das religiões afrodescendentes, todavia, os artistas do repente sempre se mostraram nômades, o que facilitou um distanciamento entre essa cultura e as comunidades negras, por fim, os folcloristas ligaram o repente ao trovadorismo europeu (CASCUDO, 1984), o que contribuiu ainda mais para o esquecimento da própria história por partes dos repentistas.

Assim, na ausência de indícios históricos coerentes acerca do surgimento do repente, objetivamos construir uma análise, sob o viés decolonial, dos registros documentais dos principais folcloristas da época dos primeiros registros (BARROSO, 1949; MOTA, 1966; e CARVALHO; 1967) que permita compreender quais influxos culturais colaboraram de maneira pertinente para o surgimento do repente no Brasil.

2 DECOLONIALIDADE E REPENTE: UMA POSSÍVEL RELEITURA

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

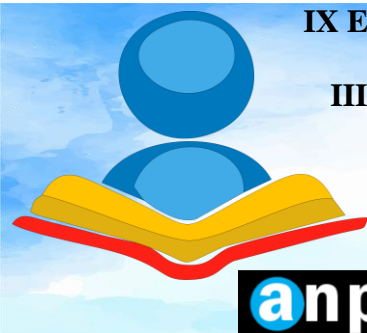
Em se tratando da releitura do repente a partir dos contributos da decolonialidade, é necessária uma explanação acerca da proposta decolonial para em seguida analisarmos as documentações acerca do repente e suas remanescência principais durante sua trajetória diaspórica.

Apesar da temporalidade da ideologia pós-colonial não ser prioridade em Stuart Hall (2003), é exequível o estabelecimento dos fatores temporais, uma vez que o termo é fruto das reflexões acerca das colônias e ex-colônias africanas no período após a Segunda Guerra Mundial (BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016), algo realizado também por intelectuais do chamado Terceiro Mundo, mas em universidades inglesas e depois norte-americanas. Como consequência, esse pensamento pós-colonial teve o surgimento no mundo anglofônico, onde também foi seu maior espaço de circulação, isso não colaborou com o impacto das discussões nos espaços colonizados. Como consequência, os intelectuais que não ocuparam esses meios também não fazem parte do campo das reflexões dos estudos pós-coloniais, aliás, “Homi Bhabha, Edward Said e Gayatri Spivak – os nomes mais expressivos do campo acadêmico pós-colonial – não fazem nenhuma referência à América Latina nos seus estudos” (BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016, p.16).

Em vista do contraditório risco da colonização intelectual da teoria pós-colonial, estudiosos da decolonialidade elencaram outras maneiras de interpretar as experiências da América Latina e “busca-se não apenas provincializar a Europa, mas também toda e qualquer forma de conhecimento que se proponha a universalização, seja o pós-colonialismo seja a própria contribuição decolonial a partir da América Latina” (BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016, p. 16). Por isso, é importante não apenas o local de fala, mas também o local de onde se fala, pois todo discurso é ideológico e inserido em um dado contexto histórico, sua invisibilização naturaliza o discurso do colonizador e sua eminência ao buscar se sobrepor ao território periférico.

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível

**IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS**



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. (WOODWARD, 2014, p. 19)

Nesse viés, o estudo da linguagem se revela pertinente para uma discussão tão complexa, se por um lado, as referências pós-coloniais são necessárias, por outro, não podem ser o centro da discussão sem a implementação do local intelectual de fala Latino Americano, não apenas no que condiz em suas releituras, mas em perceber como o estudo da linguagem pode ser ampliado para compreender esse emaranhado histórico. Segundo Hall (2003), a linguagem é realizada pela articulação das diferenças, citando diretamente o modelo saussuriano de análise.

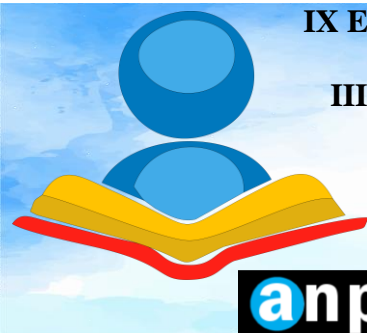
2.1 O REPENTE: REVERBERAÇÕES SINGULARES

A oralidade poética é expressa por meio de manifestações culturais diversas. No caso, muitas manifestações tradicionais que emergiram no Nordeste brasileiro mostram fortes semelhanças em seus aspectos formais e temáticos. A explicação para tal fenômeno deve-se ao fato de que essas manifestações provêm do mesmo ponto de partida, infelizmente as construções desse possível trajeto histórico têm seus empecilhos e nem sempre se mostra convincente. Cascudo (1984) em *Vaqueiros e Cantadores* traz a sua versão:

Que é o cantor? É o descendente do Aedo da Grécia, do rapsodo ambulante, do Glee-man anglo-saxão, dos Moganis e metris árabes, do velálica da Índia, das runoias da Finlândia, dos bardos armoricanos, dos escaldos da Escandinávia, dos menestréis, trovadores, mestre-cantadores da Idade Média. Canta ele, como há séculos, a história da região e a gesta rude do homem. É a epea grega, o barditus germano, a gesta franca, a estória portuguesa, a xácara recordadora. É o registro, a memória viva, o Olám dos etruscos, a voz da multidão silenciosa, a presença do passado, o vestígio das emoções anteriores, a História sonora e humilde dos que não têm história. É o testemunho, o depoimento. Ele, analfabeto e bronco, arranhando a viola primitiva, pobre de melodia e de efeito musical, repete, através das idades, a orgulhosa afirmativa do “velho” no poema de Gonçalves Dias: - “Meninos, eu vi...” (CASCUDO, 1984, p. 126)

Os textos de Cascudo (1984), apesar de ser uma referência para os folcloristas clássicos, não tem um embasamento histórico que permita compreender a história cultural do

IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS



anpae



PPGECIM
Programa de Pós-
Graduação em Ensino de
Ciências e Matemática

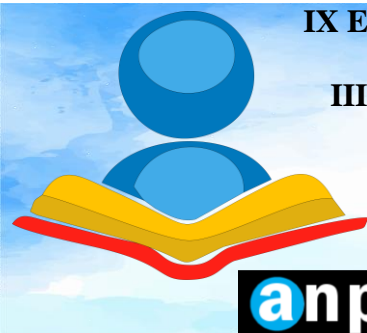


repente, apenas cita uma série de manifestações poéticas ao som de instrumentos ao redor do mundo, diga-se de passagem, quase todas europeias. Para elucidar o caso, Paul Zumthor (1993) aponta a pertinência de uma poética sobre a voz, sua materialidade, movência e seu nomadismo. Ele encontrou na poesia oral um campo investigativo das culturas. Segundo ele, de fato houve uma série de culturas orais ao redor do mundo, no entanto, cada uma com sua particularidade e nem sempre com as mesmas heranças culturais.

No nordeste do Brasil, temos uma série de manifestações culturais orais com a estrutura poética parecida, no caso do Repente, o verso de sete sílabas rimado e metrificado é encontrado em outros ambientes, como no Maracatu, no Reisado, na Embolada, no Aboio e nas Glosas, em todas essas manifestações temos algo em comum; a presença de comunidades negras ativas nessas produções poéticas. Um aprofundamento necessitaria de um estudo mais prolongado, contudo, daremos alguns exemplos esclarecedores; Francisco Chagas Batista (1997) produziu a obra *Cantadores e poetas populares* em 1929, na qual diz que a ideia de produzir tal obra veio da leitura de estudiosos sobre o folclore como: Gustavo Barroso (1949), Leonardo Mota (1966) e Rodrigues de Carvalho (1967), porém, ele expõe a intenção de prestar uma justa homenagem aos poetas não conhecidos pelos pesquisadores acima citados, ou seja, temos o local de fala de um cordelista que conviveu com repentistas, algo totalmente inesperado inclusive para a época, justamente nessa obra tem-se a biografia do repentista negro Joaquim Francisco Sant'ana (1877-1917), Cascudo (1984) cita Fabião das Queimadas (1848-1928) e Mota (1966) fala de Inácio da Catingueira, falecido em 1879 como escravizado, nos registros as referências ao mesmo demonstra a ênfase na cor da pele em todos os registros, como de Leonardo Mota citado por Cascudo: “Comendo peia no lombo/ Negro vivia tossindo/ Mas hoje, como estão forro/ do tempo vivem se rindo” (CASCUDO, 1984, p.89)

Em suas biografias, consta que uns cantavam com viola, outros com rabeca, com o passar do tempo, a viola prevaleceu como instrumento único dos repentistas, Soler (1995) pontua que a viola é um instrumento de origem europeia, enquanto a rabeca, tem sua vinculação histórica aos árabes africanos que penetraram na Península Ibérica, no Brasil, o instrumento europeu predominou, mas a utilização de rabeca por repentistas negros é mais um indício da cultura negra no repente.

IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

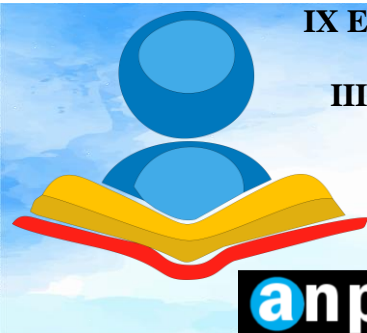
No tocante à estrutura da estrofe, observamos primeiro que os versos setissílabos têm forte vínculo com a oralidade, ligação praticamente inexistente após o advento da imprensa na Europa (ZUMTHOR, 1993), mas presente nos africanos que vieram ao Brasil, descendentes dos mesmos que foram à Península Ibérica, hipótese comprovada pelos registros das estrofes.

Segundo, Luís Soler (1995), em *Origens árabes no folclore do sertão nordestino*, nos mostra como a cultura árabe influenciou fortemente o trovadorismo europeu e até mesmo o surgimento do verso decassílabo na Itália. Segundo ele, os árabes penetraram na Europa na Andaluzia e por lá ficaram séculos (SOLER, 1995), contudo, não especificou que eles vieram da África e apesar de conseguir notar as semelhanças estruturais entre os repentistas do nordeste do Brasil e os trovadores da Península Ibérica, cabe lembrar, na época da colonização o trovadorismo europeu já tinha entrado em decadência.

Os pesquisadores supracitados não têm levado em conta a hipótese do Brasil ter recebido a herança trovadoresca do mesmo local que os europeus receberam; da África. O filólogo Menendez Pidal (1941) ratifica as informações de Soler (1995), seu estudo filológico esclarece bem como a poesia vinda do trovadorismo árabe deu impulso para o surgimento do trovadorismo na Península Ibérica, então chamada de Andaluzia, contudo, o fato desses árabes serem africanos não tem ênfase nas pesquisas.

Folcloristas citados por Batista (1997) como Barroso (1949), Leonardo Mota (1966) e Rodrigues de Carvalho (1967) registram o sertão entre Pernambuco e Paraíba como a região onde surgiram os primeiros repentistas, o que mostra que ao menos os primeiros registros são dessa região, Domingos (2015) afirma que a exploração dessa região se deu através do negro em sua predominância, o que explica a presença de tantas culturas já reconhecidas como afrodescendentes na região, como a do couro e do barro, o que aproxima a presença negra das culturas rotuladas, de forma generalizada, como sertanejas.

Essas descobertas de culturas afrodescendentes possibilitam uma utilização mais ampla da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de cultura e história afrodescendentes nas escolas. Essa reinterpretação contribui para cumprir a lei e expor culturas negras, mas não reconhecidas como negras, trazendo novas descobertas para a identidade do povo afrodescendente dentro e fora dos muros escolares.



anpae



PPGE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CEDU - UFAL



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

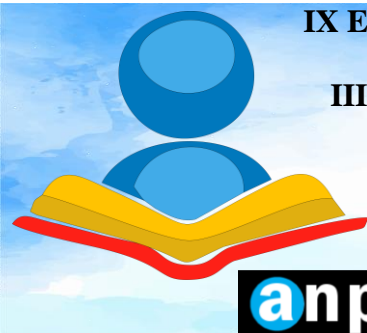
A brevidade da discussão não permitiu maiores aprofundamentos, no entanto, levou em conta a importância do pensamento decolonial, apesar dos estudos culturais pós-coloniais terem sua importância, a intelectualidade do território latino-americano foi marginalizada, a não ser que o intelectual esteja no território ou norte-americano. A partir disso, é possível pensarmos na importância de estudos que pensem e repensem as consequências da colonização, mas que também haja maior liberdade intelectual no próprio território sul-americano, uma vez que estão em jogo lugares de fala, discursos e a desnaturalização do eurocentrismo no discurso acerca da nossa própria história.

Para uma breve discussão, trouxemos os registros de Inácio da Catingueira e indagações acerca de estudiosos como Pidal (1941) e Soler (1995), este fez um link entre os trovadores europeus e os repentistas nordestinos e aquele entre os trovadores europeus e os árabes, no entanto, nenhum dos dois aventou a possibilidade do Brasil ter recebido o mesmo influxo que a Europa, o de trovadores africanos penetrando em outros territórios e levando suas culturas.

Alegamos a necessidade de maiores aprofundamentos acerca do tema, algo possível em um trabalho mais longo e árduo, mesmo assim, o arquétipo da presente reflexão permite a visualização de exatamente o que o pensamento decolonial propõe; a reinterpretação da história negra através de intelectuais latino-americanos, sem descartar a importância dos discursos construídos em outros espaços, mas também expondo a soma que diferentes lugares de fala podem trazer para aquilo que já está posto pela historiografia tradicional.

Como fica patente, o apagamento da história negra não permite uma construção da história da cultura negra nos moldes documentais escritos, mas a ampliação da ideia de documento permite perceber o quanto a cultura negra está presente apesar das tentativas de apagá-la. Por isso, é necessário um olhar histórico interdisciplinar, que busque uma historicidade inusitada à época e novas propostas para o cumprimento da Lei 10.639/03 e, portanto, não apenas a ideia de preservação, mas também de reconstrução da identidade histórica do povo afrodescendente.

IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)
V ENCONTRO ALAGOANO DE ENSINO DE CIÊNCIAS
III ENCONTRO REGIONAL DA ANPAE/SECCIONAL DE ALAGOAS
TEMA: CENÁRIOS E NECESSIDADES FORMATIVAS



anpae



PPGECIM
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro. Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Volume 31, Número 1, p. 15-24, Janeiro/Abril 2016.

CARVALHO, Rodrigues. **Cancioneiro do Norte**. 3º ed. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1967.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

HALL, Stuart. **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MOTA, Leonardo. **Violeiros do Norte**: poesia e linguagem do sertão nordestino. 3º ed. Imprensa universitária do Ceará, 1966.

PIDAL, Ramon Menendez. **Poesia árabe y poesia europea**. Buenos Aires. México. Espasa - Calpe Argentina, S. A., 1941.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e voz**: a “literatura” medieval. Tradução: Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.